Dicionário de ciências sociais

Há anos o Instituto de Documentação vem trabalhando no preparo de um dicionário de ciências sociais, em colaboração com a Unesco, que já havia patrocinado obras do mesmo gênero em inglês, depois em espanhol. Hoje podemos informar que o trabalho do INDOC já se acha em fase final, devendo os originais entrar em composição gráfica até o final deste ano.

O *Dicionário de ciências sociais* FGV/Unesco terá cerca de 1.600 verbetes, escritos por mais de 450 especialistas, dos quais cerca de 60 são brasileiros, e será a primeira obra do gênero a ser publicada para o mundo de língua portuguesa.

Para que os leitores tenham uma idéia do que será esse dicionário, publicamos nesta edição o verbete *Consciência* de Antonio Gomes Penna, assim como publicaremos outros verbetes similares nas próximas edições deste periódico.

Consciência

A. Dois conceitos de *consciência* se propuseram ao longo da história das idéias psicológias: a) o que se revela com Descartes; b) o que se produz com Brentano. Este último, na realidade, provém da escolástica e se converte em conceito central na fenomenologia de Husserl. Em Descartes, a consciência se define como conhecimento reflexivo. Ser consciente é apreender-se a si próprio de um modo imediato e privilegiado. A condição de privilégio decorre do fato de que ela se apreende apoditicamente em termos de existência, identificando-se com o próprio psiquismo. Haveria co-extensão entre *consciência* e *psiquismo*. Sua realidade, por outro lado, excluiria a dúvida. Esta só atingiria o mundo dos objetos. Fica proposta, dessa forma, a dualidade envolvendo o subjetivo e o objetivo. Impõe-se, além do mais, como método de pesquisa, o método intuitivo.

Vale assinalar que essa forma de conceituação domina até o início da segunda metade do século XIX. Precisamente em 1874, com a publicação de *Psychologie vom empirischen standpunkt* (Leipzig, Meiner, 1924-25), Brentano retoma da tradição escolástica o conceito de intencionalidade, que logo se incorpora ao movimento fenomenológico. A consciência é então definida pela intencionalidade, i.e., pela referência ou relação a um objeto que se caracterizaria como mental, imanente ou intencional, excluindo-se a obrigatoriedade da existência real ou efetiva. Precisamente esse o conceito que se retira ou recolhe da expressão brentaniana de *intentionale inexistenz*. Nela o prefixo *in* implicaria existência de objeto enquanto presente ao espírito. A consciência, sobre ser referência a um objeto, sobre ser heteróclita, implicaria também a apreensão de si própria. Obviamente, com essa característica, fica desde logo excluída a idéia de um inconsciente.

Vale assinalar que o critério da intencionalidade é aproveitado por Bretano como capaz de fundamentar uma classificação dos fenômenos psíquicos que não faz apelo a critérios extrínse-

cos. De fato ter-se-ia tantos fenômenos mentais quanto modos de a consciência se referir aos objetos imanentes. Tais modos, Brentano os considera em número de três: a *representação*, o *juízo* o *amor e ódio*. A originalidade de Brentano em relação à classificação tradicional defluente de Kant reside no desdobramento dos fenômenos intelectuais em duas categorias (representação e juízo), e na fusão dos progressos afetivos e conativos em uma única categoria (amor e ódio).

B. No desenvolvimento histórico o conceito de consciência sofreu reformulações significativas, especialmente quando considerado em função da perspectiva cartesiana. Uma delas refere-se aos domínios que nela poderiam ser discriminados. Em William James, por exemplo, distinguem-se a região focal e a franjal. No foco os conteúdos se viveriam com o máximo de clareza e distinção. A franja corresponderia à região obscura do subconsciente. Nela, os conteúdos seriam vivenciados em condições de reduzida clareza e distinção. Intenso dinamismo, por outro lado, é proposto entre o foco e a franja, no sentido do contínuo deslocamento dos conteúdos de uma para outra região. Em Freud o conceito de consciência sofre extrema redução. Conforme assinala Ricoeur, por extensão da dúvida metódica, já não se considera a consciência nos termos privilegiados de Descartes. Já não se aceita sua co-extensividade com o psiquismo. De fato, neste discrimina-se maior porção denominada pelo inconsciente.

Considerada como conceito central da psicologia por longo tempo, a consciência foi abandonada após o advento do behaviorismo. A rejeição fundou-se na impossibilidade de se sujeitar sua investigação aos critérios positivistas da objetividade. Essa já não é, contudo, a posição dominante na psicologia atual. Conforme se assinala, com Piaget, na verdade o conceito de consciência se recupera e se identifica com o de conduta, marcando a tomada de consciência um momento extremamente significativo no desenvolvimento da criança.

Antonio Gomes Penna

Ver também: *CONSCIÊNCIA COLETIVA; PERSONALIDADE, SISTEMA DE.*